

«Senhor, vejo que és um profeta!» (Jo 4,19)
“Equipas de Nossa Senhora ao serviço dos irmãos e da Igreja”

Introdução: Guiados pela mão da samaritana

No ano passado detivemo-nos junto ao poço de Samaria. Surpreendeu-nos a riqueza do encontro de Jesus com a samaritana. Também este ano vamos deixar que a samaritana nos leve pela mão para descobrirmos indicações, percursos e conselhos para a nossa vida de equipistas. Este não é um grande encontro, mas o encontro entre a equipa responsável internacional e os responsáveis das várias entidades. Trazemos aqui as nossas interrogações e as nossas expectativas para continuarmos a nossa vida de todos os dias. A mulher chega ao poço como “a samaritana” e dele parte como “aquela que conhece a fonte da água viva”. O seu encontro faz-se missão e profecia entre as gentes da sua aldeia. Para dar continuidade a este nosso encontro, retomo uma parte do texto já apresentado no ano passado¹.

«A samaritana procuraria convencer-nos da importância de nos acompanharmos e de nos apoiarmos uns aos outros na fé, aprendendo a ler a vida em conjunto e a fazer que todos possam partilhar a água da sua própria experiência; provavelmente, manifestaria a sua curiosidade e perguntar-nos-ia para onde canalizamos a água da nossa torrente afectiva e se os nossos compromissos conjugais, sacerdotais, religiosos dão às nossas profundas energias a orientação apostólica que tiveram na existência de Jesus»².

Como é vivida a partilha nos nossos casais e na caminhada das nossas equipas: estamos convencidos da importância da fé nas nossas equipas? Estamos conscientes da necessidade da entreaajuda e do valor que está inscrito na nossa vocação matrimonial e sacerdotal? O amor, em todas as suas manifestações — caridade, espiritualidade, fecundidade, sexualidade... —, é fonte de energia e de dom a exemplo de Cristo?

«Mas a samaritana, que foi liberta de todas as suas idolatrias, dir-nos-ia sobretudo: “Sede pacientes com a lentidão dos vossos processos quando romperem com estes maridos, estai seguros de que em cada uma das vossas vidas existe um poço e de que o Mestre vos espera sentado à sua beira. Confiai no seu poder de sedução, na sua paciência em derrubar as vossas defesas, no seu desejo de vos levar até ao mais profundo da vossa vida, às suas fontes interiores e secretas, pois Ele sabe acompanhar esta descida sem impaciência nem pressa. Quando O ouvi dizer duas vezes ‘a água que Eu quero dar’, percebi que Ele era habitado pelo violento desejo de nos fazer mergulhar na sua corrente.

Não vos contenteis apenas com o que já sabeis d’Ele: fazei a viagem na intimidade a que tendes a sorte de ser convidados. No início não vi n’Ele senão um judeu mas, a pouco e pouco, foi-me guiando até eu O descobrir como o Senhor, Profeta e Messias, como Aquele que eu esperava desde sempre sem o saber. Tende a coragem de O chamar com nomes novos, com aqueles que nunca aparecerão nos ressequidos manuais das vossas bibliotecas”³.

O serviço que cada um de nós é chamado a viver implica paciência, escuta, verdade. O tema de Fátima, este ano, é “Viver na verdade” (8º mandamento) e implica um caminho de purificação, mas também a capacidade de aceitar o caminho gradual das pessoas e das equipas que querem chegar ao pleno conhecimento de Cristo e à santidade. Exige capacidade de criar raízes profundas e olhos límpidos para ver Cristo. Exige velar por que seja Ele a força e a fonte do facto de estarmos reunidos. Há que prestar atenção também aos novos nomes com que Cristo Se revela

¹ D. Alexandre, in *Passione per Cristo passione per l’umanità*, Paoline, Milão, 2005, pp. 111-114.

² op. cit.

³ op. cit.

nas diferentes culturas. Há, finalmente, que verificar as estratégias para conduzir ao cume da nossa fé que nos leva a todos a dizer “É o Senhor”.

«Não tenhais medo de reconhecer a sede que existe em vós e não vos enganeis pensando que a vossa condição de cristãos praticantes vos exime da precariedade e da vulnerabilidade que caracterizam todo o ser humano: mudai a vossa atitude de perpétuos ‘dadores’ e senti-vos caminhantes com aqueles que caminham e procurai com aqueles que procuram. Só então vivereis a alegre surpresa de serdes evangelizados por aqueles a quem quereis anunciar o Evangelho. Aprendei a escutar melhor e, em vez de pregar e dirigir, fazei-vos peritos em pedir, dialogar e partilhar com os outros a pobreza que nos faz todos iguais. Na verdade, só experimentando a vossa sede podereis entrar no jogo que eu aprendi junto do poço: o homem sequioso que me pediu água revelou-Se ser Aquele que aliviou a minha sede e que me convenceu depois a falar d’Ele à minha gente”. Da experiência missionária com o seu povo, poderia falar-nos das estratégias que usou para o levar a Jesus: tinha aprendido com Ele também a fazer-se perita em humanidade, a ligar os desejos adormecidos no íntimo de cada um e a procurar os “pontos de ruptura” que podem deixar passar a graça, porque é aí que o Senhor já está a trabalhar. Dir-nos-ia que para esta missão é melhor pôr de lado as “pessoas realizadas profissionalmente e ocupadas com compromissos espiritualmente inofensivos”, pois só os “que procuram poços”, os que são capazes de se aproximar e “tocar”, de perder tempo e de ir além das aparências, podem ajudar os outros a iluminar a fonte que existe neles»⁴.

Na origem do facto de estarmos reunidos está a palavra do Padre Caffarel: “procuremos juntos”. É uma tarefa que não acaba, e no serviço convida-nos a sermos menos funcionários e mais procuradores, capazes de reconhecer a acção de Deus na história do nosso tempo. Que estratégias nos sugerem os tempos e as situações que estamos a viver?

«Advirto-vos, estai prontos: Ele espera-vos em qualquer lugar, em qualquer tarde da vossa vida quotidiana, mesmo quando estáveis envolvidos em preocupações sem importância, em disputas ou em velhas controvérsias sobre títulos ou privilégios. Se vos detiverdes a escutá-l’O, ficais perdidos para sempre: começará por vos pedir algo de simples (“dá-me de beber”, “vai, chama o teu marido”), mas no fim voltareis para casa sem água, sem cântaro e com a sede, até aí desconhecida, de atrair a Ele a cidade inteira.

Acolhei a notícia surpreendente de que é o Pai quem vos procura e deseja a resposta da vossa adoração. Não tenhais medo dessa palavra, tão estranha aos ouvidos do mundo, porque é à “outra terra” que, como Abraão, fostes chamados. Deixai para trás os velhos terrenos que vos sustentavam e embrenhai-vos nesta paixão pelo Senhor e pelo seu Reino, em que, como desejava Bento de Núrcia, nada se antepõe ao seu amor; e aquilo que o salmista proclamava: “O teu amor vale mais do que a vida” (Sl 63,4) torna-se numa forma de vida»⁵.

Como chegámos a este encontro? Que preocupações, expectativas, alegrias, trazemos da nossa terra e dos nossos países? Com que perspectivas tencionamos partir daqui? É o que procuraremos construir neste encontro. E isto toma como ponto de partida o pedido de Jesus à mulher: «Vai, chama o teu marido», que alude ao simbolismo esponsal da aliança. A mulher presente qual é o papel de Jesus como homem de Deus — **«Vejo que és um profeta»** — e pede-Lhe que resolva a questão que divide judeus e samaritanos a propósito do legítimo lugar de culto. Jesus aproveita esta pergunta para definir a relação correcta com Deus Pai, tornada possível pelo dom do Espírito da verdade prometido por Jesus. O tema da aliança, evocado pela metáfora do matrimónio, é inseparável do culto.

No Evangelho de João, Jesus, enquanto Messias ou Cristo, apresenta-Se como o único esposo legítimo (Jo 3,29-29). Também no diálogo com a samaritana, Jesus, no fim, apresenta-Se como o Messias que realiza a revelação de Deus: «Sou Eu, que estou a falar contigo» (Jo 4,25-26).

⁴ op. cit.

⁵ op. cit.

Fez a mulher compreender que a sua situação actual como esposa não corresponde à lógica da aliança, pois ela vive com um homem que não é o seu marido. Este facto leva a mulher a reconhecer Jesus como um “profeta”. Jesus tem, pois, autoridade para definir a questão do legítimo lugar de culto. Nesta perspectiva, também os “cinco maridos” da mulher representam a situação religiosa dos samaritanos que, com o cisma do templo, se afastaram da relação de aliança com Deus.

Jesus responde à mulher com um convite que a interpela directamente: «Mulher, acredita em Mim...». Jesus anuncia a chegada da hora que marca o fim do cisma entre judeus e samaritanos porque inaugura o tempo de uma nova relação com Deus Pai (Jo 4,20). Este é o culto «em espírito e verdade» (Jo 4,24). A «verdade» é a revelação definitiva de Deus através de Jesus Cristo, o Filho, o único que está em condições de revelar o Pai (Jo 1,14.17.18; 14,6.9). O Espírito é aquele que foi prometido por Jesus aos discípulos como «Espírito da verdade», mestre interior e guia para a verdade completa (Jo 14,17; 16,13). Com o dom do Espírito, que faz penetrar a verdade no íntimo dos crentes, Jesus torna possível a partir de agora o culto ao Pai «em espírito e verdade». Em resumo, os verdadeiros adoradores participam na relação filial de Jesus, o Cristo. Sobre isto voltaremos a falar no ano que vem.

1. A proposta deste ano: “ir em missão”

Queremos sair deste colégio e levar aos nossos amigos das nossas cidades a alegre mensagem que aqui nos é entregue. Não podemos ter o Evangelho fechado dentro das nossas paredes e pensar, assustados e confusos, no que sucede lá fora, onde, em alguns países, a nossa proposta interessa cada vez menos e, noutros, faltam as energias para a realizar. O Evangelho pede que vamos ao encontro dos homens e das mulheres destas sociedades. E a Igreja, em todos estes anos, a partir do Concílio, tem-nos encorajado a ir ao encontro deste mundo; mesmo se isso for um risco e um desafio.

Do ponto de vista económico, social, político e religioso, estamos a viver uma situação a que já não podemos fechar os olhos. Temos um tesouro — uma boa notícia para o homem — mas quando queremos dá-lo a conhecer, quando queremos comunicá-lo aos nossos amigos, criamos dificuldades: o tesouro é como que embrulhado por ideias complicadas, por instituições pesadas que o têm prisioneiro. A muitos amigos nossos a mensagem cristã parece impossível de escutar. É claro que o que eles percebem não é o que nós pensamos dizer; as nossas formulações cristãs parecem tão distantes do mundo das pessoas, das suas maneiras de pensar e das suas preocupações quotidianas que as nossas fórmulas têm o efeito de uma língua estrangeira. Impossível de escutar, a proposta cristã parece também inaceitável, porque parece um discurso já feito que pretende impor a verdade e ditar comportamentos anacrónicos.

Muitas vezes, os amigos que habitam as nossas cidades têm outra mentalidade: têm uma cultura “laica”, no que diz respeito à velha cristandade, que recusa os argumentos de autoridade; os problemas do homem são encarados de forma humana; tudo está por construir na investigação, no debate, sem que se possa contar *a priori* com respostas que venham da tradição ou de alguma instituição autorizada, muito menos de instituições religiosas, dado que a própria crença em Deus já não constitui o fundo evidente da vida das pessoas e das sociedades. Os significados, os valores, devem ser procurados a partir do homem. O mesmo problema manifesta-se de outras formas nas outras culturas através de seitas, formas de igreja implicada com o poder...

Face a este tipo de mundo e de cultura, a Igreja corre o risco de propor a sua fé com modos e expressões que só os seus fiéis já convencidos entendem. Tem-se a impressão de que se defrontam dois universos de sentido completamente diferente. Será possível pô-los em comunicação? Será possível repensar, reformular a fé cristã de modo a que o seu conteúdo volte a poder ser escutado pelos homens do nosso tempo?

2. «Vai, chama o teu marido»

«Respondeu-lhe Jesus: “Vai, chama o teu marido e volta cá”. A mulher retorquiu-lhe: “Eu não tenho marido”. Declarou-lhe Jesus: “Disseste bem: ‘não tenho marido’, pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido. Nisto falaste verdade”» (Jo 4,16-18).

Jesus percebeu que a mulher foi tocada e ficou fascinada com as suas palavras, mas não quer que ela dê passos que ela não aceite, acolha e queira completamente por si própria. Assim, refere-Se imediatamente à sua vida pessoal e à sua vida matrimonial, que certamente não é exemplar. É evidente que esta mulher tem de pôr ordem na sua vida. É um passo importante: o caminho da fé não se pode separar do facto de “pôr ordem” na vida. Qualquer coisa tem que mudar. E ela é convidada a fazê-lo⁶.

Tudo isto tem um significado não só pessoal mas também colectivo: a sua atormentada vida afectiva torna-se de alguma maneira símbolo do pecado e da idolatria do seu povo: a Bíblia conta que os samaritanos tinham construído (2 Rs 17,29ss) cinco templos aos Baal (= ídolos pagãos; note-se que em hebraico *ba'al* também quer dizer marido). Para ela e para o seu povo, encontrar Jesus é renunciar à vida de antes, deixar o homem velho com as suas paixões para iniciar uma vida nova na liberdade do Espírito, simbolizado pela água dada por Jesus.

Quando dizemos “Deus”, que queremos dizer? Quando dizemos que “Jesus Cristo é o nosso salvador”, que queremos dizer? Quando dizemos “crer na Igreja”, que quer isso dizer? E quando dizemos sermos equipistas, que significa isso? Responder a estas perguntas, a estes desafios, suscita medos compreensíveis; aventurar-se em formas de pensar e horizontes culturais novos implica renunciar a palavras, imagens, hábitos mentais, que nos vêm de uma tradição que assimilámos na nossa história pessoal e que constituem uma referência intocável da nossa identidade. Não devemos ter medo de nos deixar interrogar por culturas novas, de entrar em novas regiões do mundo, de nos pormos em questão, de dialogar com os nossos amigos: é o próprio Evangelho que no-lo pede. Partindo de Jerusalém para todos os países do mundo. Bem enraizados em Jerusalém e nas fontes da nossa experiência, não devemos ter medo de partir. Cristo, sentado junto ao poço, está certo de encontrar os caminhos para chegar ao coração do homem, mesmo do homem deste tempo.

Qual é o ponto de partida em que se situar? Jesus dirige-Se a uma mulher concreta para nos dizer que é do homem/da mulher que temos que partir. Quem é o homem? Quais são os caminhos para realizar e salvar a própria humanidade, tão frágil e tão ameaçada? São perguntas que o homem de hoje faz a si mesmo. Partir daí permite que a mensagem cristã seja proposta a todos; e permite-lhe também encontrar-se no terreno em que ela nasceu: Jesus não Se apresentou fazendo-Se valer como Deus ou como fundador de uma religião; viveu como homem as interrogações e as esperanças do homem tal como elas se viviam no seu tempo; e, indo até ao fim na sua humanidade, abriu um caminho, traçou uma resposta tal à procura de sentido que aqueles que O seguiram reconheceram n’Ele a “Palavra de Deus”, o “Filho de Deus”.

Partir da pergunta sobre o sentido para encarar o problema do seu próprio destino é típico da “modernidade”. As sociedades tradicionais não conheciam esta procura. Enquanto as sociedades se mantêm estáveis, as convicções colectivas são fortes e dão resposta a tudo: um sentido claro, estabelecido, encarnado nos costumes, nos sistemas das ideias e dos ritos, baseado na religião, na crença colectiva num outro mundo, superior, que edifica e governa este nosso mundo frágil e caduco. O pensamento cristão serviu durante muito tempo de suporte ideológico a sociedades deste tipo. Fala-se de “cristandade”. As sociedades modernas, pelo contrário, são inconstantes e em contínuo movimento. A pouco e pouco, o indivíduo toma consciência da sua singularidade; o seu lugar e o seu papel num conjunto social cada vez mais diversificado e

⁶ Vejamos: cinco maridos mais um. O Evangelho sugere que a mulher tem de encontrar o “sétimo”. Este vem em último lugar, mas não é da categoria dos anteriores. Ela deverá vê-lo como absolutamente excepcional, único.

complexo já não são claros. As referências tradicionais são perturbadas: tornam-se frágeis, precárias, não transmissíveis; há desinteresse pelas instituições portadoras de sentido e de função (seja a família seja a escola, as ideologias ou os partidos). Nestes tipos de sociedade a Igreja e as religiões instituídas entram em crise mercê de um subjectivismo religioso segundo o qual cada um vai buscar o que lhe convém, o que lhe agrada.

O indivíduo é reconduzido ao seu discernimento, já não pode confiar em práticas ou em certezas previstas; agora confia apenas na sua experiência pessoal; nenhuma instituição que pretenda falar a partir da sua autoridade pode pensar em oferecer um código global de sentido. Eis-nos, nós homens “modernos”, sós perante o sentido da nossa vida. Por outro lado, as nossas sociedades não podem senão incitar-nos a viver o dia-a-dia, evitando as grandes interrogações sobre as quais nada têm de seguro a dizer nem têm perspectivas em que se apoiar.

O cristianismo tem certamente alguma coisa a dizer em relação às grandes interrogações do homem. Mas não pode fazê-lo apresentando-se como o sistema compacto de verdades já estabelecidas pela autoridade. Deve aceitar o desafio de partir do homem e da sua procura de sentido.

Mas que se entende por “sentido”? Não se trata, em primeiro lugar, de uma construção intelectual, de um sistema de ideias que nos expliquem a vida e nos digam o que devemos fazer. “Sentido” é o caminho que cada dia se abre concretamente diante de nós e que promete de alguma maneira realizar-nos, salvar-nos da perturbação e do sentido do absurdo que nasce do choque entre o apelo do homem e o incompreensível silêncio do mundo. Apesar destas ameaças, todos os dias partimos para a nossa aventura com a esperança de encontrar algo de bom que corresponda às nossas expectativas. Ora, o acontecimento primordial que nos indica o bom caminho, que faz “sentido” (faz-me sentir bem, “em casa”, indica-me a direcção correcta, dá significado àquilo que faço), é o encontro: o encontro com o olhar e a palavra do outro.

É sobretudo a relação humana que produz sentido. É a experiência de todos os dias a suscitar o sentido, a iluminar a nossa vida concreta; é sempre um olhar benevolente, uma palavra de confiança e de promessa. Para que aquilo que vivemos tenha sentido, é necessário que sejamos reconhecidos através dos nossos actos, que estes sejam significativos para alguém, que sejam confirmados por laços e por pactos de palavra. Quando um luto nos leva uma pessoa querida, o sentido vacila: sente-se então que os gestos quotidianos que compunham a nossa vida eram mantidos ligados por essa relação, e agora correm o risco de nos parecerem insignificantes. **Que é então que dá sentido, salva, justifica a nossa vida se não uma palavra de amor: uma palavra que nos liga e faz promessas? Não nos tornamos homens senão no universo da palavra: uma palavra benevolente, auspiciosa, em que confiar, em que apoiar o nosso caminho.**

Prova disto é o amor entre os homens — do mais humilde e quotidiano ao mais absorvente como é, por exemplo, o matrimónio — que encontra a sua solidez na palavra dada e trocada. Apesar de todos os riscos de falta de autenticidade, de mentira, de instabilidade, só a palavra dá e promete suscitar confiança e esperança. Desde que a palavra não seja uma palavra vazia, mas se faça carne: tome a forma de uma existência humana que se torna falante, que indica a maneira correcta de se tornar homem, que ajuda quem nisso tem mais dificuldades. O sentido da nossa aventura é, pois, tentar tornarmo-nos homens, gastar a nossa vida e as nossas energias para ajudar o homem — poder-se-á excluir alguém? — a tornar-se homem. Será este o sentido em que podemos encontrar-nos ao lado de todos os homens destas sociedades que desconfiam tão facilmente dos sistemas de ideias e de pertenças? Será porventura este o lugar onde hoje se convoca a missão cristã?

Há quem pense que a urgência cristã seja confirmar o sistema das verdades cristãs e propor de novo uma forte pertença à instituição. É uma escolha que tem as suas razões e os seus riscos. Há outro caminho que se propõe aos cristãos: o de se colocar ao lado dos homens deste tempo e procurar partilhar a procura de sentido a experimentar nas condições históricas actuais e nos desafios e nas lutas que se impõem para salvar a humanidade do homem. Também nós

procuramos o sentido “como cristãos”, isto é, com um certo estilo; com o pressentimento de uma direcção; com uma confiança que atravessa as lutas e as perturbações quotidianas. Nós cristãos somos sustentados e envolvidos por um sentido que nos foi revelado e oferecido pela palavra-existência de Jesus, sentido que só aparecerá plenamente quando se realizar a acção de salvar o homem, mas que, de alguma maneira, já se deixa entrever na história caótica que estamos a construir. Não consiste a fé cristã em acreditar que nas nossas vidas de todos os dias se constrói um sentido definitivo em que cada uma das nossas histórias pessoais será tida em consideração? É uma aposta que podemos fazer porque se apoia na Palavra constitutiva da aventura singular de Jesus de Nazaré.

3. Queremos ver

A samaritana, à pergunta de Jesus, responde com o verbo ver, que não indica só uma verificação mas um caminho de fé inicial. É a resposta a um grito, que percorre toda a Sagrada Escritura e que traduz o desejo do coração do homem de todas as latitudes e de todos os tempos. É o desejo de ver um Rosto, de ouvir uma Palavra, de experimentar uma Presença que dê fundamento, sentido, luz e calor à vida. O grito soa angustiado, procurando uma visão: «É a tua face que eu procuro, Senhor. Não desvies de mim o teu rosto» (Sl 27,8-9); soa insistente, procurando uma palavra: «Não fiques surdo à minha voz. Não suceda que, pelo teu silêncio, eu seja como os que descem à sepultura» (Sl 28,1); soa pungente, procurando um encontro: «Cansam-se os meus olhos à espera do meu Deus» (Sl 69,4).

Na realidade, foi o próprio Deus que pôs este desejo no coração do homem. É o próprio Deus que suscita o grito, dirigindo-lhe Ele em primeiro lugar a palavra, intervindo na história para a encaminhar para a liberdade e apoiando a procura do homem para que não cesse de desejar e de procurar, mesmo no meio das escuridões e dos desertos da vida. Os amigos de Deus são aqueles que gritam para Ele com voz forte, são aqueles que com maior paixão, liberdade e coragem O incitam a sair do seu ocultamento e do seu silêncio.

Justamente porque intuíram e experimentaram algo da proximidade de Deus, não conseguem suportar a distância: «Até quando, Senhor, continuarás escondido?» (Sl 89,47). «Onde estão o teu zelo e a tua valentia? Onde está a emoção das tuas entranhas? Já se esgotaram as tuas ternuras para comigo? Mas Tu és o nosso Pai!» (Is 63,15).

Moisés, “o homem de confiança” em toda a casa de Deus (Nm 12,3), ousa mais do que qualquer outro⁷.

Job, o atormentado amigo de Deus, posto à prova e mortificado para além do que é razoável, acaba por discutir com Deus. Perante os sofrimentos da vida — desproporcionados e injustos — já não lhe basta um Deus “por ouvir dizer” (Jb 42,5)⁸.

S. João, no prólogo do seu Evangelho, retoma este grito e esta história da procura de Deus, e num versículo resume a espantosa novidade da encarnação: «A Deus jamais alguém O viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem O deu a conhecer» (Jo 1,18).

O conteúdo deste anúncio é de um alcance extraordinário: «O mistério escondido ao longo das gerações e que agora Deus manifestou aos seus santos» (Col 1,26); «O mistério

⁷ “Moisés disse: “Mostra-me a tua glória” (Ex 33,18). E Deus respondeu: “Farei passar diante de ti toda a minha bondade, e proclamarei diante de ti o nome do Senhor. Mas tu não poderás ver a minha face, pois o homem não pode contemplar-Me e continuar a viver. Está aqui um lugar próximo de Mim; conservar-te-ás sobre o rochedo. Quando a minha glória passar, colocar-te-ei na cavidade do rochedo e cobrir-te-ei com a minha mão, até que Eu tenha passado. Retirarei a mão e poderás então ver-Me por detrás. Quanto à minha face, ela não pode ser vista”» (Ex 33,18-23).

⁸ «Oh! Se pudesse encontrá-l’O e chegar até ao seu próprio trono! Mas, se eu for ao oriente, Ele não está lá, e, se for ao ocidente, não O encontrarei; se O procuro ao norte, não O vejo; se me volto para o meio-dia, não O descubro» (Jb 23,3.8-9).

escondido desde séculos em Deus, o criador de todas as coisas [...] que Ele realizou em Cristo Jesus Senhor nosso» (Ef 3,9-11). O que é urgente transmitir à primeira geração de cristãos é que Jesus é verdadeiramente “Aquele que era desde o princípio”, o Verbo que estava junto de Deus, o próprio Deus.

A narração evangélica mostra-nos homens e mulheres que querem ver, ouvir, tocar Jesus. «Zaqueu procurava ver Jesus e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura. Correndo à frente, subiu a um sicómoro» (Lc 19,2-4). A mulher que sofria de hemorragia pensa: «Se ao menos tocar nem que seja as suas vestes, ficarei curada» (Mc 5,28). No dia em que Jesus Se retira para um lugar solitário para rezar, Simão segue-O e, encontrando-O, diz-Lhe: «Todos Te procuram» (Mc 1,37). A multidão, tendo ouvido falar d’Ele, segue-O, e «os que sofriam de enfermidades caíam sobre Ele para Lhe tocarem» (Mc 3,19). Nicodemos vai ter com Ele de noite para Lhe falar (cf. Jo 3). A multidão dos discípulos vai ter com Ele para O ouvir (Lc 6,18). Em Jerusalém alguns gregos vão ter com Filipe e dizem-lhe: «Nós queremos ver Jesus» (Jo 12,21).

Seguindo Jesus, ouvindo-O, estando com Ele, fazendo-se curar por Ele, o olhar torna-se mais penetrante, purifica-se o coração dos discípulos, que só progressivamente conseguem ver no filho de Maria o Filho de Deus. Mas é sobretudo sentindo-se vistos, procurados e amados por Ele “assim” — sem medida, sem mérito, gratuitamente — que aqueles homens e aquelas mulheres conseguem ver realmente Jesus, reconhecê-l’O no seu mistério. É o que acontece com o centurião junto da cruz: «Ao vê-l’O expirar daquela maneira, disse: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!”» (Mc 15,39). O anúncio feito pela comunidade de João é tão extraordinário quanto urgente: é uma questão de participação na comunhão eclesial: «para que também vós estejais em comunhão conosco». E a Igreja é mistério de comunhão que vive da e na comunhão trinitária: «E nós estamos em comunhão com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo». Fazer parte desta comunhão é plenitude de alegria.

Não experimentamos nós também, por vezes, o forte desejo de ver Deus, de ouvir mais claramente a sua voz? Não nos assalta de vez em quando a nostalgia de perceber mais concretamente a sua presença... se de qualquer maneira já a entrevimos, ouvimos, encontramos? Talvez o grito permaneça fechado no segredo do coração. Contudo, há dias em que gostaríamos de ter a audácia de Moisés e pedir a Deus que nos mostre a sua glória. Há épocas em que de bom grado faríamos nossas as palavras de Job e, ameaçados pelo absurdo dos acontecimentos da vida em que estamos imersos, gostaríamos que Deus nos desse uma explicação aceitável dos mesmos. Em todo o caso, faz-nos bem a liberdade com que os orantes da Bíblia se Lhe dirigem; com eles gostaríamos de aprender sobretudo a confiança, amadurecida numa relação viva, assídua, paciente. Mas, perante o anúncio da comunidade dos discípulos de João, poderemos ficar atrapalhados e deter-nos a distância exclamando: felizes vós! Vós que ouvistes, vistes, contemplastes, tocastes o Verbo da vida. Também podemos acreditar que tenha acontecido convosco, mas é impossível que nos aconteça a nós. Santo Agostinho, Padre da Igreja e comentador autorizado da Primeira Carta de João, faz-nos compreender que as coisas não são assim: «A própria vida se manifestou na carne; manifestou-se para que fosse visto também pelos olhos aquilo que só o coração pode ver e assim os corações pudessem ser curados. Só com o coração se vê o Verbo; com os olhos do corpo, pelo contrário, vê-se também a carne. Nós podíamos ver a carne, mas para ver o Verbo não tínhamos meios. Então *o Verbo fez-Se carne* e essa podemos ver, para obter a cura dessa vista interior, a única que nos pode fazer ver o Verbo» (Sto. Agostinho, *Comm I Jo I,1*).

Neste ponto podemos interrogar-nos: onde nos é dado viver este encontro? Se não na Palestina de há 2000 anos, onde? A resposta da samaritana abre-nos um horizonte novo. Abre-nos à experiência da comunidade pós-pascal. O “Senhor”: é o Ressuscitado, a experiência d’Ele que guia a nossa vida. A este respeito, a Primeira Carta de João é esclarecedora: encontramos o Senhor no nós da Igreja. É no espaço da comunhão eclesial que podemos ver, contemplar Cristo, ouvi-l’O, tocá-l’O. Encontramos o Senhor no mistério da Igreja, que é preciso esforçar-nos por compreender

na Igreja visível, assim como na mais escondida, para lá dos limites mensuráveis. A pertença à Igreja é garantia da verdade da visão.

«A Igreja é nossa mãe porque nos dá Cristo. Vendo isto uma vez, e vendo-o verdadeiramente, já não é necessário exorcizar as aparências para contemplar e amar a Igreja como uma mãe. Também não é necessário ter conservado a frescura ou a inocência dos primeiros anos. Ainda hoje a Igreja me dá Jesus. Faz-me compreendê-l’O, ensina-me a vê-l’O, guarda a sua presença para mim. Dizer isto é dizer tudo. Que poderia saber d’Ele, que vínculo poderia subsistir entre Ele e eu, sem a Igreja? Em que areias se teriam perdido, não digo a sua recordação ou o seu nome, mas a sua viva influência, a acção do seu evangelho e a fé na sua Pessoa divina, sem a visível continuidade da sua Igreja? Sem a Igreja, Cristo desaparece, esboroa-Se ou anula-Se» (H. de Lubac, *Paradosso e mistero della Chiesa*, Milão, 6-7).

As orientações de Lourdes, a este respeito, indicam às equipas duas vias em que caminhar: o Movimento (serviço ao Movimento) e a comunidade eclesial (serviço à Igreja)⁹.

4. «Vejo que és um profeta!»

A mulher compreende que Jesus não é um homem qualquer e continua o seu diálogo com Ele: «Disse-Lhe a mulher: “Senhor, vejo que és um profeta!”» (Jo 4,19-26).

Eis o momento decisivo da relação entre a samaritana e Jesus. Encontrando-se diante de um profeta, faz uma pergunta de carácter religioso: onde adorar Deus? Partindo desta pergunta, Jesus fá-la avançar e de maneira decisiva, levando-a a perceber o conteúdo do dom de Deus: que agora o Pai pode ser adorado em Espírito e Verdade. Conhecer o dom de Deus significa, afinal, saber que o homem que está diante dela não é apenas uma pessoa com quem falar de assuntos religiosos. O passo decisivo será o de compreender “quem é” aquele Jesus que está à sua frente e que Se lhe dirige com aquelas palavras. Ele parece não falar directamente de Si próprio, mas nós, que lemos, conhecemos uma palavra posterior de Jesus: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14,6). Jesus fala à samaritana daquela verdade em que é preciso adorar Deus: Ele próprio é a Verdade, porque é Deus que Se manifesta como homem. Assim, não se adora Deus num lugar, não se adora nem apenas recitando orações ou praticando actos de culto. Adora-se Deus entrando no próprio movimento de Jesus, que vai para o Pai, encontrando aquele Jesus que é a Verdade de Deus presente no mundo, entrando com Ele na condição de filhos e seguindo-O.

Agora a mulher aprende a dar um nome àquele dom cuja beleza e grandeza tinha intuído. Adoradores também “em Espírito”: isto não significa simplesmente “espiritualmente” (ou seja, uma adoração puramente interior), mas quer dizer: no Espírito que Jesus dará com a Páscoa. Jesus remete para o momento em que Ele, a Verdade, com o dom do Espírito tornará o Pai realmente acessível. Ela não só compreende quem é Jesus mas também quem é Deus, porque Jesus chama-Lhe Pai e diz-lhe que o Pai “procura esses adoradores” em espírito e verdade. E eis que o caminho da mulher chega ao momento culminante: Jesus apresenta-Se como Aquele que responde realmente à sua procura. Ela procura o Messias, como todos os samaritanos, que esperam um messias restaurador de todas as coisas: «Eu sei que o Messias, que é chamado Cristo, está para vir. Quando vier, há-de fazer-nos saber todas as coisas». A resposta é: «Sou Eu, que estou a falar contigo». Se o ponto de chegada é certo, o seu avanço é gradual.

A. Jesus profeta

A esperança dos judeus não se esgotava no Messias. Disso temos um testemunho importante em Actos dos Apóstolos 3,22-23: «Moisés disse: “O Senhor suscitar-vos-á um Profeta

⁹ «Viver as Equipas de Nossa Senhora como um “serviço dos casais aos casais”. Pôr-se ao serviço do Movimento é uma necessidade real: isto torna-nos servidores do casal, da família, do Evangelho, do matrimónio e da vida. Devemos procurar juntos métodos novos, para que as equipas e os equipistas se comprometam ainda mais na Igreja».

como eu, de entre os vossos irmãos. Escutá-lo-eis em tudo quanto vos disser. Quem não escutar esse Profeta será exterminado do meio do povo”». É uma citação aproximada do Deuterónimo (18,15-18) e do Levítico (23,29), um dos textos mais importantes da esperança que os judeus tinham na vinda no fim dos tempos de um profeta que traria a salvação ao povo. Para os primeiros cristãos, esta esperança na vinda de um profeta realizou-se em Jesus. Encontramos, por exemplo, um texto de João que atesta esta espera do profeta: «As autoridades judaicas enviaram-lhe de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: “Tu quem és?” Então ele confessou [...]: “Eu não sou o Messias [o Ungido]” [...] “És tu o profeta?”. Respondeu: “Não”» (Jo 1,29-28). Diz precisamente o profeta, não um profeta.

Lucas, tanto nos Actos como no Evangelho, apresenta muitas vezes Jesus como o profeta esperado. Ao lado do discurso de Pedro após a cura do aleijado no templo (Act 3,12-26), em que Jesus é apresentado como o profeta esperado, temos o de Estêvão antes de ser lapidado, que repete a mesma ideia: «Qual foi o profeta que os vossos pais não tenham perseguido? Mataram os que predisseram a vinda do Justo, a quem traístes e assassinastes» (Act 7,52-53). Muitos são os textos em que Lucas, no seu evangelho, apresenta Jesus como profeta. Os dois discípulos de Emaús, por exemplo, explicam ao desconhecido que Jesus «foi profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo» (Lc 24,19).

Lucas 13,31-33 é um texto importante, tanto mais que só ele o relata, e exprime, portanto, a sua teologia pessoal. Desta vez, alguns fariseus previnem Jesus das intenções de Herodes a seu respeito. Respondendo-lhes, Jesus diz: «Hoje, amanhã e depois devo seguir o meu caminho, porque não se admite que um profeta morra fora de Jerusalém». O próprio Jesus está convencido de ir ao encontro da morte. Mas vê a sua morte como conclusão lógica do seu ministério profético. E essa morte só pode ter lugar em Jerusalém, como afirma este texto: «Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas...» (Lc 33,34). Em 7,19 é a multidão que reconhece Jesus como um grande profeta depois da ressurreição do filho da viúva de Naim. É evidente a referência a Elias e a Eliseu (cf. 1 Rs 17,17-24 e 2 Rs 4,8-37).

Em 7,39 encontramos um relato surpreendente que nos faz entender o verdadeiro papel do profeta tal como é entendido pelo fariseu e por Jesus. Jesus é convidado para casa de um fariseu. Uma prostituta entra na sala. Jesus acolhe-a. O fariseu diz para consigo: «Se este homem fosse profeta, saberia quem é e de que espécie é a mulher que Lhe está a tocar, porque é uma pecadora!». Estranha a ideia de profeta que o fariseu tem! Para ele o profeta deve ser só um adivinho digno e intocável, deve contentar-se em revelar o pecado, ser o acusador das culpas dos outros sem se preocupar com o destino do pecador! Para o fariseu, o profeta nada tem a ver com a conversão. Mas um profeta que não ofereça a esperança como fruto da conversão não é nada. Ao passo que Jesus, com um único gesto, tendo acolhido a pecadora, comporta-se como verdadeiro profeta.

O texto mais importante de Lucas é, sem dúvida, o da pregação de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30). Antes de mais, porque é um discurso e um relato muito mais desenvolvido do que nos outros evangelhos, sinal da importância que Lucas lhe atribui. Depois, porque está colocado no início do ministério de Jesus. São as primeiras palavras públicas que Lucas põe na boca de Jesus. Em certo sentido, é o seu programa, um programa profético. No texto, Jesus apresenta-se como o profeta. De facto, não só se compara com Elias e Eliseu, figuras tipo do profeta do Antigo Testamento, mas também apresenta a sua missão e os seus actos à luz do célebre texto de Isaías: «O espírito do Senhor Deus está sobre mim [...] enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados, e a liberdade aos prisioneiros, para proclamar o ano da graça do Senhor» (Is 61,1ss).

Podemos também citar João 6,14, que conclui a narração da multiplicação dos pães, repetindo Deuterónimo 18,18: «Aquele gente, ao ver o sinal milagroso que Jesus tinha feito, dizia: “Este é realmente o Profeta que devia vir ao mundo!”».

Assim, não foram apenas os primeiros cristãos a ver na obra de Jesus a realização da esperança de Israel, expressa nos textos proféticos, mas os próprios actos de Jesus foram os de um profeta. Além disso, Jesus é o profeta, aquele que o Senhor tinha prometido e que Israel esperava.

B. A Igreja é profeta?

É uma outra pergunta que muitas vezes se faz. Muito frequentemente faz-se uma grande confusão! Diz-se, por exemplo, que tal documento de uma conferência episcopal é ou não é “profético”. Diz-se também que a Igreja, a exemplo de Jesus profeta, tem uma missão profética, que também ela é “profeta”. Se queremos que estas afirmações sejam pertinentes, temos de esclarecer palavras e ideias.

Como vimos, no livro dos Actos dos Apóstolos, no dia de Pentecostes, Pedro, para explicar a situação, faz referência ao texto de Joel 3,1-5: o Espírito Santo foi dado aos crentes e todo o povo se tornou profeta (Act 2,14-36). No livro dos Actos, como vimos, dizer que alguém recebeu o Espírito Santo equivale a dizer que se tornou profeta. Tanto mais que, na concepção de profeta própria da época, o Espírito estava necessariamente associado à profecia. De um ponto de vista geral, é correcto afirmar que a Igreja é profeta. Tanto mais que ela é a mensageira da Palavra de Deus, função essencial do profeta, enquanto testemunha privilegiada da Palavra por excelência, Jesus Cristo. Assim, podemos dizer que a Igreja, enquanto comunidade de crentes, é profeta, tem uma missão profética, aberta a todos os povos.

Se quisermos ser ainda um pouco mais precisos, temos que salientar alguns matizes. Com efeito, dizer que a Igreja é profética não significa dizer que todos os seus membros sejam chamados ao exercício concreto da função profética; há que admitir que só alguns membros desta grande comunidade recebem de facto esta missão profética.

É profético aquilo que a Igreja diz através das afirmações e das decisões dos seus representantes oficiais? Dissemos que o profeta leva uma palavra de exortação e de esperança a pessoas concretas em circunstâncias históricas bem precisas, que o profeta está bem enraizado na vida do seu povo, num lugar determinado e num tempo bem preciso. Neste aspecto é impensável que a Igreja tenha uma palavra profética universal. No mundo de hoje, as situações sociais e humanas são extremamente diferentes. Se queremos que a palavra seja escutada e acolhida por todos, ela deve ficar a um nível muito geral, e, por isso, não poderá ser considerada profética. Não se pode ser profeta hoje na Rússia e amanhã na Guatemala. Afirmar isto e acreditar nisto significa, de facto, negar a realidade da encarnação da Palavra, da encarnação de Jesus Cristo.

Todavia, no interior da própria Igreja, alguns gestos, alguns discursos ou alguns comportamentos que têm um significado para a Igreja universal podem ser definidos como “proféticos”. Por exemplo, Francisco de Assis, no seu vibrante apelo à pobreza evangélica, denunciava a situação da Igreja do seu tempo, profundamente ligada ao dinheiro e ao poder político, preparando assim um movimento de extrema importância para a reforma da Igreja. O mesmo se pode dizer da convocação do Concílio Vaticano II feita por João XXIII. Com efeito, a própria realização do Concílio constituía um profundo convite à conversão autêntica, a uma mudança radical e a uma esperança nova.

Face a esta apresentação “local” da palavra profética, poder-se-ia contrapor que a mensagem evangélica é universal e que a palavra de Deus não conhece fronteiras. Mas, felizmente, a exemplo do próprio Cristo, esta palavra encarna e concretiza-se em circunstâncias diversas. Pretender que exista uma palavra profética universal, planetária, é um contra-senso. Vimos nos textos proféticos do Antigo Testamento (e o mesmo se pode afirmar para o Novo) até que ponto a mensagem dos profetas, radicada no tempo e no espaço, era diferente. O campo e a cidade eram elementos que condicionavam, que marcavam a mensagem concreta dos profetas: como a história da época, o temperamento de cada profeta, os problemas a que respondiam, faziam corpo com a própria mensagem. As palavras proféticas não são intermutáveis. Para pronunciar uma palavra profética autêntica, é preciso estar inserido no grupo e na comunidade a que a mesma se dirige.

Não podemos vir de fora para “pregar a boa nova profética”. A palavra profética nasce do interior graças à força do Espírito.

Neste sentido, as Igrejas locais, as várias comunidades cristãs e, por isso, também o nosso Movimento podem e devem desempenhar um papel profético na sociedade em que vivem. Devem ter uma palavra, um comportamento e uma vida de fé proféticos. **Por outras palavras, devem construir a sociedade dos homens com a exortação e a consolação, com o juízo crítico e com a esperança de que devem ser mensageiros. Juízo crítico da sociedade a todos os níveis: político, social, cultural e humano. Pondo a nu atitudes, comportamentos, instituições, valores, que não estão em conformidade com a mensagem evangélica. Nos tempos de desespero, que são muitos, devem ser portadores da esperança na vida prometida e trazida por Cristo.**

Esta palavra profética da comunidade crente será necessariamente diferente em função dos tempos e dos lugares, em função dos problemas e das circunstâncias concretas. Essas palavras proféticas poderão até ser opostas entre si, como se vê nos textos dos profetas do Antigo Testamento. Porque o que conta não é tanto o conteúdo concreto mas a atitude de fé que impele as comunidades a empenharem-se de corpo e alma no anúncio da palavra que implica todos os aspectos da sua vida.

Então, a Igreja é profética? Sim, mas na vida, na palavra e no comportamento de cada Igreja, no tempo e no espaço em que esta vive e se desenvolve.

A palavra da Igreja é profética? Pode sê-lo nas palavras e nos gestos de cada comunidade crente para os homens e para as mulheres da sociedade em que vivem. Mas não em toda a parte nem para sempre. Não a nível universal nem independentemente do momento concreto.

C. Profetas na Igreja de hoje?

Esta é uma pergunta que surge continuamente quando se fala de profetas. A resposta não pode ser senão afirmativa. Não só existem profetas na Igreja como também não podemos passar sem eles. De facto, quem poderia afirmar que a comunidade crente já não precisa de ser edificada com a exortação e a consolação, com o juízo e a esperança? Quem ousaria dizer que a Igreja atingiu um tal grau de perfeição no amor e na comunhão que no seu interior já não há lugar para a exortação crítica e para o apelo ao dinamismo criador da esperança? A fidelidade a Deus e aos irmãos na nossa Igreja é já tão perfeita que já não sejam necessários homens e mulheres que denunciem as instituições da Igreja quando a sua vida já não é sinal do Reino? O exercício do poder, a prática do serviço na Igreja, são tão transparentes nas suas relações com o crente que neste campo a contestação profética se tornou inútil? As nossas relações e as da Igreja “oficial” com o dinheiro são tão perfeitas que excluem em absoluto a necessidade do grito de alarme das sentinelas proféticas, a exemplo de Amós ou de Miqueias? A missão dos profetas do Antigo e do Novo Testamento, como repetimos várias vezes, — ou seja, a de edificar a comunidade com a exortação e a consolação — assumirá com frequência a forma e os modos dos profetas bíblicos de outrora, que incomodam e perturbam, que gritam e não são ouvidos, que despertam a palavra de Deus e sofrem a perseguição e o desprezo por causa da fidelidade à Palavra que actualizam e tornam presente e viva. A nossa maneira de falar e de viver o amor encontrou na Igreja percursos acessíveis a todos os homens?

O profeta cristão tem a missão de tornar actual a Palavra, isto é, Jesus Cristo, não repetindo-a mas actualizando-a. Ao fazê-lo, mostra necessariamente a incoerência e a distância que separam a Palavra da “realidade” vivida pelos crentes a nível individual e comunitário. Naturalmente, ninguém gosta que se lhe mostre a diferença que existe entre as suas palavras e os seus gestos, sobretudo quando se trata de uma instituição!

Além disso, nos textos do Antigo Testamento vemos claramente que os profetas nascem no seio das comunidades por iniciativa exclusiva de Deus. É verdade que havia profetas

funcionários, mas não foram reconhecidos como profetas pelo facto de serem funcionários. Não é o visto da autoridade que faz deles verdadeiros profetas. Pelo contrário, é difícil imaginar um verdadeiro profeta que, mais cedo ou mais tarde, não entre em confronto com a autoridade.

Na Igreja os profetas não são constituídos profetas seja por quem for; só o Espírito os suscita. A Igreja, a comunidade dos crentes, deve apenas ouvi-los, examiná-los e saber reconhecê-los. Sem pressa mas sem perder demasiado tempo. Neste sentido, como acontece sempre que se trata de profetas, movemo-nos num terreno delicado. Com efeito, não é necessário pensar em profetas aceites por todos, sempre seguros de si mesmos, capazes de actualizar a própria palavra, ao abrigo do risco de erro. Não pensemos que os profetas são reconhecidos imediatamente. Não podemos imaginar profetas que levem uma vida agradável e serena, sem sofrimentos e sem perseguições.

Por outro lado, a crítica pela crítica, a recusa sistemática do passado, o gosto do novo pelo novo, não são necessariamente sinais de profecia autêntica. Também aqui os extremismos estão longe do verdadeiro profetismo.

Assim, o profeta cristão, tal como o do Antigo Testamento, será muitas vezes contestado durante o seu ministério, seja ele rejeitado ou aceite, e só a sua morte fornecerá a prova necessária para o seu reconhecimento definitivo. Como os seus antecessores, só depois da sua morte o profeta alcança a sua verdadeira dimensão profética. A vida do profeta é sempre sinal de contradição.

Profetas cristãos na Igreja de hoje? Sim. Como na Igreja de sempre. Nós profetas na Igreja de hoje? Sim, se seguirmos as pegadas do Padre Caffarel. Porque acreditar na actualidade de Cristo significa acreditar na presença de profetas no meio de nós para tornar actual a sua Palavra. Acreditar na fidelidade de Deus e na sua Igreja significa acreditar que Deus não permitirá que a esperança adormeça, se dissipe, perca a sua força e o seu dinamismo. Para isso, Jesus Cristo, o profeta, está presente através de homens e de mulheres profetas que, cada um a seu modo, no seu tempo e no seu espaço, actualizam a Palavra que vivifica todos os que crêem n'Ele.

5. Tinha de atravessar a Samaria

Enquanto Jesus Se afasta da Galileia e da Judeia, dá início, na Samaria, a uma nova missão. Ali Se dirigiu com os primeiros discípulos e em Caná da Galileia expôs o seu programa (Jo 1,43; 2,1-2). «Realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos [...] manifestou a sua glória e os discípulos creram n'Ele» (Jo 2,11). Agora volta ali para iniciar a sua missão no mundo, através dos samaritanos. Para anunciar o *culto universal* (Jo 4,20-26) e a *missão universal* (Jo 4,31-32)¹⁰.

Jesus podia, com certeza, ir para a Galileia sem atravessar a Samaria (subindo o vale do Jordão), mas o evangelista faz questão de situar aqui este importante episódio do seu ministério; provavelmente porque a comunidade de João tinha estreitos contactos com meios samaritanos, mas sobretudo porque o encontro com a samaritana prefigura a missão da Igreja em relação ao mundo pagão (4,27-42; 12,20-24). O pano de fundo é constituído pelo poço de Jacob, que faz a ligação com aquele veio de água que do antigo patriarca chega até Cristo, «fonte de água que dá a vida eterna» (4,14). Junto a este poço encontram-se: Jesus, messias não reconhecido pelo seu povo, e uma mulher samaritana, herdeira de uma fé que os judeus consideram impura, que reconhece o Messias.

Com a mulher da Samaria Ele revela-Se gradualmente. A mulher envergonha-se da sua situação irregular e, por isso, diz: «Eu não tenho marido». Jesus, para não a ferir, aprecia e louva a sua sinceridade («Disseste bem»). Jesus age com a samaritana como tinha feito com Natanael:

¹⁰ Jesus «deixou a Judeia e voltou para a Galileia. Tinha de atravessar a Samaria. Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar [...] ficava ali perto o poço [...]. Cansado da caminhada sentou-Se na borda do poço» (Jo 4,3-6).

mostra/revela o seu conhecimento misterioso e profético. Ao ver que Jesus conhece os segredos da sua vida, a mulher reconhece-O como um homem de Deus e diz: «Vejo que és um profeta!» (4,19). O termo *profeta* (*prophètés*) ou enviado de Deus é uma designação que também Jesus aplica a Si próprio, mas que os fariseus Lhe negam («Investiga e verás que da Galileia não sairá nenhum profeta», 7,52). Em duas ocasiões Jesus é reconhecido como profeta: pela *mulher samaritana*, que, a partir do conhecimento sobre-humano de Jesus, conclui que Ele é «um profeta» (4,19) e pelo *cego de nascença*¹¹. Há entre estas duas cenas um paralelismo: o reconhecimento de Jesus como profeta é seguido de uma revelação de Jesus à pessoa em causa: no primeiro caso revela-Se à samaritana como «o messias» (4,25-26); no segundo, ao cego de nascença como «o Homem». Além disso, no caso da samaritana chega-se no fim à confissão de Jesus como «salvador do mundo» (4,42); no caso de cego, o próprio Jesus revela-Se como «a luz do mundo» (9,4). Sempre que existe um verdadeiro encontro pessoal e duas pessoas se revelam, o próprio Deus Se revela.

A mulher convida o profeta Jesus a esclarecer a questão do verdadeiro culto: «Os nossos antepassados adoraram a Deus neste monte, e vós dizeis que o lugar onde se deve adorar está em Jerusalém» (4,20)¹².

A resposta de Jesus precisa de um passo em frente, diríamos de um suplemento de fé («Mulher, acredita em Mim»). Com a vinda do Messias chega ao fim o tempo dos templos para adorar Deus. A adoração do Pai, na era messiânica, não estará ligada a um lugar, ainda que passe pela revelação autêntica por um descendente de Judá (4,22). A salvação é Jesus: é Ele o verdadeiro lugar para adorar Deus e comunicar com Ele (1,51). O novo culto querido pelo Pai não se prestará nem em Garizim nem em Jerusalém, mas no Espírito e na verdade. A história da Samaria produziu um povo separado, a fé em Jesus volta a uni-lo ao *único Pai e ao povo de Deus universal*. O Espírito estabelece a relação com Deus *como* Pai, excluindo todo e qualquer particularismo religioso discriminatório. Um tipo de oração universal, no sentido em que é proposta a todos, mas com uma dimensão trinitária. Será uma oração filial, ou seja, a oração de todos os filhos de Deus.

O relato, por um lado, é uma história de amor, um diálogo em que Jesus quer levar a mulher a conhecer o seu dom. Por outro lado, o Esposo está de viagem: vem de longe, à procura da esposa. Esta, por fim, depois de O ter abandonado ao crepúsculo do primeiro dia, encontra-O ao meio-dia, à hora sexta, a «hora» em que tudo se consumou (cf. 19,30). É o convite à Igreja-esposa a pôr-se em viagem para conduzir à núpcias todos os filhos de Deus.

Depois de Se ter revelado a Nicodemos e de ter sido acolhido por João, o Filho parte da Judeia: o seu alimento é fazer a vontade do Pai, que ama o mundo e O enviou ao mundo para o salvar. É por isso que Ele continua a sua obra, dando a todos a água viva que vem dos judeus — abundante como a que corre no lugar onde João O reconheceu como Filho amado. Da Judeia, a água viva, que nasce do alto e a todos mata a sede, passa agora pelas montanhas da Samaria, infiel e idólatra, para chegar depois a Caná da Galileia, pagã (cf. vv. 43ss). A nova aliança, o novo templo e a nova lei encontram a sua realização no dom do Filho.

O relato é um diálogo entre a Palavra e o ouvinte, representado pela mulher. Esta teve vários maridos, mas ainda não encontrou o Esposo, de quem, no entanto, tem sede. E o Esposo, fonte de água viva, encontra-a junto ao poço. Assim a humanidade procura o Senhor, tem sede d'Ele, quer ver o seu rosto. Na mulher da Samaria também nós somos chamados a deixar-nos conhecer para ir levar a todos a água viva. Os percursos que brotam daí falam-nos de um compromisso para todos nós, através da linguagem conjugal, e do amor a levar a todos os homens.

¹¹ Interrogado pelos fariseus, responde a partir do facto de Jesus Lhe ter aberto os olhos («“E tu que dizes d'Ele, por te ter aberto os olhos?”». Ele respondeu: “É um profeta”», 9,17).

¹² A mulher submete a Jesus o velho problema que dividia samaritanos e judeus, o dos dois santuários: Garizim e Jerusalém. O santuário do monte Garizim que dominava a antiga Siquém tinha sido destruído por João Hircano no ano 129. Era o lugar principal do culto samaritano. Jesus esclarece a questão do “lugar” do culto, mas de maneira inesperada, que abre a perspectiva a um *culto de tipo universal*.

Conclusão ou missão?

A urgência do anúncio evangélico implica um olhar mais amplo do que aquele a que as ópticas actuais nos habituaram. Hoje mais do que nunca é válida a advertência de Emmanuel Mounier: «Pensa-se demasiado [...] nos *actos* de violência, e isso impede-nos de ver que há muitas vezes estados de violência — aqueles em que milhões de seres estão desempregados, morrem e se desumanizam hoje sem barricadas — e que, como o tirano é o verdadeiro sedicioso, a verdadeira violência, no sentido odioso da palavra, é a permanência do regime». Compete à Igreja denunciar, em nome da sua missão profética, a falsa ordem de um mundo em que sistematicamente se desprezam a dignidade e os direitos dos mais fracos e dos mais pobres. No desenvolvimento desta enorme tarefa, é normal que a Igreja, consoante os diversos contextos históricos, insista de modo particular, caso a caso, em algumas prioridades. Tendo, no entanto o cuidado de não suscitar, com uma insistência unilateral em alguns problemas, a impressão de ter perdido de vista todos os outros. Este equívoco verificou-se com frequência no passado e por vezes dá-se também actualmente, quando a irrenunciável defesa dos direitos e da dignidade da vida humana desde o momento da concepção até ao seu termo natural corre o risco de parecer restrita à defesa dessa vida *no* momento da concepção e *no* do seu termo, relegando para segundo plano a imensa gama de prevaricações que a atingem entre estes dois extremos.

Com demasiada frequência hoje, nas nossas Igrejas, «às questões abertas parece sobrepor-se uma crescente tendência para dizer, fazer e organizar. E assim há numerosos pronunciamentos, em quase todos os domínios da vida e do saber, com uma contínua produção de documentos que o comum dos fiéis — mas também os párocos que devem prestar contas aos seus paroquianos — nunca poderá “assimilar” nem sequer ler. E criam-se *slogans* que são repetidos sem que se lhes apreenda o alcance — raramente claro — porque perdem vigor dando lugar a outros sem solução de continuidade».

Se a laicidade é saber deixar espaços abertos, mesmo que possam parecer vazios, um estilo eclesial verdadeiramente laico deve saber modelar-se pelo estilo evangélico, que não é marcado por uma frenética agitação activista, mas tem as suas raízes no silêncio profundo da contemplação. Assim aconteceu na missão pública de Jesus. No evangelho de Marcos, em que se relata um dia de Jesus em Cafarnaum, depois de ter narrado que «a cidade inteira estava reunida junto à porta» e que Jesus «curou muitos enfermos atormentados por toda a espécie de males e expulsou muitos demónios», diz-se que «de madrugada, ainda estava escuro, levantou-Se e saiu; foi para um lugar solitário e ali Se pôs em oração», suscitando o desconcerto dos seus discípulos: «Simão e os que estavam com Ele seguiram-n’O. E, tendo-O encontrado, disseram-Lhe: “Todos Te procuram!”» (Mc 1,33-37).

Foi esta contemplação que João Paulo II, na *Novo millennio ineunte*, colocou no centro da espiritualidade e da missão da Igreja do novo milénio. Partindo do pedido feito por alguns gregos que se encontravam em Jerusalém — «Queremos ver Jesus» (Jo 12,21) — o Papa escrevia: «Como aqueles peregrinos de há dois mil anos, os homens do nosso tempo, talvez sem se darem conta, pedem aos crentes de hoje não só que lhes “falem” de Cristo mas também que de certa forma lh’O façam “ver”. E não é porventura a missão da Igreja reflectir a luz de Cristo em cada época da história e, por conseguinte, fazer resplandecer o seu rosto também diante das gerações do novo milénio?» (nº 16).

É certamente oportuno ir ao encontro dos homens e das mulheres do nosso tempo. Mas na lógica de um sincero impulso missionário para que isso não aconteça num estilo de propaganda agressiva e ruidosa, dando respostas a perguntas que nunca foram formuladas, dando certezas onde era importante que primeiro florescesse uma dúvida sadia, sobrepondo fórmulas, que correm o risco de ser demasiado unívocas e simples, a problemas complexos. Só é possível evitar estes perigos com base numa espiritualidade séria e numa ascese igualmente séria, amadurecidas no âmbito da comunidade eclesial e assumidas como o seu estilo habitual.

Mais do que nas relações com o mundo, os perigos a que aludíamos devem ser evitados na pastoral ordinária, no nosso Movimento, nas instituições educativas católicas. É oportuno querer mostrar Jesus ao mundo. «Mas o nosso testemunho seria excessivamente pobre se não fôssemos primeiro contemplativos do seu rosto». A própria missão exige que, nas nossas comunidades, se tenha realmente «o olhar [...] mais intensamente fixo no rosto do Senhor» (*Novo millennio ineunte*, nº 16).

Aqui a própria fronteira entre dimensão eclesial e dimensão missionária torna-se imperceptível. Trata-se de um estilo global que permite ao cristão ser ele próprio, sem mais distinções entre “dentro” e “fora”. «Contemplação, paragem, distanciamento crítico, devolvem-nos o tempo da vida; fazem-nos encontrar o mundo inteiro, participantes das alegrias e das fadigas comuns, tornam-nos capazes de nos pôr à escuta, de perder tempo para perceber, de captar as verdadeiras prioridades, de cultivar relações; de nos encontrarmos na visita, na conversa, na convivência, como homens e mulheres com dúvidas, problemas, desejos, recursos, com todos, como todos, sem receitas, sem presunções, sem intervencionismos enfadonhos que afastam».

Chega de paróquias reduzidas a supermercados de serviços; chega de um movimento incapaz de interpretar a história dos homens e agarrado a fórmulas estereotipadas que, separando a linguagem da fé, usada no interior do templo, da da vida, bem mais real e envolvente, se tornam instrumento de cisão entre evangelho e cultura nos próprios fiéis. Ultrapassar o dualismo entre o sagrado e o profano significa também levar os gestos e as palavras da vida eclesial ao quotidiano da experiência que nos une a todos os outros homens e mulheres. Só assim, de resto, será possível comunicar com eles, evitando dirigir-nos, numa obscura linguagem eclesial, a interlocutores inexistentes, fruto das nossas projecções.

Foi este o estilo que Bento XVI escolheu seguir, na sua primeira encíclica, ao abordar o tema do amor cristão a partir do amor humano e partindo mais especificamente não das formulações, ainda que magníficas, que este tema teve na tradição católica, mas do perigo de as mesmas acabarem por ser completamente estranhas aos homens e às mulheres de hoje. Se assim fosse, observa o Papa, a «boa notícia» trazida por Cristo «terminaria desarticulada das relações básicas e vitais da existência humana e constituiria um mundo independente, considerado talvez admirável, mas decididamente separado do conjunto da existência humana» (*Deus caritas est*, nº 7). Não será porventura este o limite de tantas homilias, ainda que muito válidas, que as pessoas não ouvem porque, já a nível linguístico, não são postas em condições de captar a relação entre o evangelho que é comentado e a vida de todos os dias?

1. O convite a ser “reflexo do amor de Cristo” é vivido, além do Movimento, também na Igreja. «*A orientação de vida dada em Santiago de Compostela no ano 2000 — “Ser casal hoje na Igreja e no mundo” — convida-nos a participar na obra de evangelização através do nosso compromisso na Igreja, nos seus movimentos, nas nossas paróquias, nas nossas dioceses, etc.... Devemos procurar juntos métodos novos, para que as equipas e os equipistas se comprometam ainda mais na Igreja. As propostas e as instruções do documento sobre “A missão do casal” devem ser estudadas neste sentido por cada um e em equipa*» (*A missão do casal nas Equipas de Nossa Senhora — ERI, Julho 2005*). **Que percursos empreendemos ou sentimos que é urgente empreender nas nossas equipas para realizar esta orientação?**
2. «*Viver as Equipas de Nossa Senhora como um “serviço dos casais aos casais”. Pôr-se ao serviço do Movimento é uma necessidade real: isto torna-nos servidores do casal, da família, do Evangelho, do matrimónio e da vida. A caridade não tem limites e dá sentido aos compromissos no Movimento das Equipas de Nossa Senhora, que são serviços de Igreja. Assim tornamo-nos instrumentos do Espírito Santo e experimentamos em nós e no nosso casal a presença activa do Senhor. Ele conhece as fraquezas e os limites de*

*quantos aceitam servi-l'O, mas dá a cada um a capacidade de realizar a sua missão. Convém recordar as palavras do Padre Caffarel: “As Equipas respondem às necessidades do nosso tempo para o casal e para o matrimónio e, por isso, temos necessidade de casais que se amem, que criem a imagem da família e da sociedade e que se empenhem no serviço ao Movimento”». **Como é vivido o serviço de animação, de discernimento, de responsabilidade no seio do Movimento?***

3. *Dizia o Padre Caffarel: «Temos que reinventar todos os dias o Movimento das Equipas de Nossa Senhora». **Que profecia ligada ao matrimónio, à sexualidade, ao carisma que o Padre Caffarel nos deixou, somos chamados a exercer na Igreja em que vivemos?***